



JOACHIN AZEVEDO NETO

(ORGANIZADOR)

# HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## História: repertório de referências culturais e históricas

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Joachin Azevedo Neto

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: repertório de referências culturais e históricas /  
Organizador Joachin Azevedo Neto. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0514-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.146220209>

1. História. 2. Conhecimento. I. Azevedo Neto, Joachin  
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* consiste em uma compilação de artigos acadêmicos que lançam importantes e criteriosas reflexões tanto acerca da pluralidade de recortes temáticos, fontes documentais, bem como das múltiplas formas de se buscar compreender sociedades e culturas situadas em variadas temporalidades.

Buscamos inserir a sequência dos textos em uma lógica dotada de certa linearidade a partir dos temas tratados pelos(as) autores(as), mas sem obedecer a esquemas cronológicos rígidos. A complexidade da construção dos saberes históricos aponta para a necessidade de se considerar os diálogos – com rupturas e continuidades – que distintas épocas mantêm. Leitores dessa publicação terão contato com discussões historiográficas em torno da História do Direito, de práticas escravistas e formas de resistência negra pelo viés decolonial. A História das Mulheres, campo de investigações extremamente urgente para a atualidade, também foi aqui contemplado com estudos relevantes. Nesse mesmo diapasão, a História da Música e das Artes receberam merecido destaque nas páginas seguintes. Identidades, formação docente, ensino de História e as crises humanitárias que permeiam o neoliberalismo global compõem a parte final desta obra repleta de contribuições científicas importantes.

Sendo assim, a diversidade de temas de pesquisa histórica aqui abordados deu os subsídios necessários para que o presente livro possa vir a contribuir para a formação de iniciantes no universo das Ciências Humanas ou o aprofundamento de questões empíricas sob as quais trabalham professores e investigadores mais experientes. Esse mosaico de produções acadêmicas agrega também a possibilidade de circular em diferentes setores da sociedade que estão comprometidos com o interesse público e a necessária ponderação sobre cidadania nos tempos atuais.




A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* apresenta verificada densidade teórica e metodológica, perceptível nas considerações feitas por autores que destemidamente demonstraram que o conhecimento histórico, pautado em estudos sérios e consequentes, continua sendo possível e indispensável no mundo que vivemos.


Joachin Azevedo Neto



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SENTIDOS PARA UMA TRANSIÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO JURÍDICO NO PERÍODO MONÁRQUICO	
Marcus Vinícius Duque Neves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202091">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202091</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A FESTA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NO HOSPITAL LÁZAROS: DEVOÇÃO E PARADOXO	
Márcia Valéria Teixeira Rosa	
Dijavan Mascarenhas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202092">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202092</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
LUTAS CONTRA A ESCRAVIZAÇÃO ILEGAL E A IMPUNIDADE NO CEARÁ DO SÉCULO XIX	
Antonia Márcia Nogueira Pedroza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202093">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202093</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: MULHERES NEGRAS, HISTÓRIA E IDENTIDADE	
Edineide Jorge dos Santos	
Maria Jorge dos Santos Leite	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202094">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202094</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
ARANDO O TORTO DESTINO DOS DESCENDENTES DE ESCRAVIZADOS NO BRASIL	
Maurício José de Faria	
Regina Aparecida de Moraes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202095">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202095</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS ATLÂNTICAS	
Elio Chaves Flores	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202096">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202096</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
A DITADURA DEMOCRATIZADA: AS MATRIZES HISTÓRICAS DO CENTRALISMO POLÍTICO NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO ANGOLANO E MOÇAMBICANO	
Jochua Abrão Baloi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202097">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202097</a>	

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>89</b>
A FORMAÇÃO DOCENTE FEMININA NO PIAUÍ (1900-1930): ESCOLA NORMAL COMO INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL FEMININA	
Lorena Maria de França Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202098">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202098</a>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>100</b>
ENTRE MEMÓRIAS E DISCURSOS: A ESTRUTURA DA NARRATIVA DE <i>O CHORO</i> , DE 1936, E SUAS CORRELAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA URBANA BRASILEIRA	
Denis Wan-Dick Corbi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202099">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202099</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>111</b>
CIDADE E MÚSICA: ESPAÇO E OBJETO DE RELAÇÃO DE MEMÓRIA	
Angela Maria da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020910">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020910</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>119</b>
AS MULHERES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO DO CAIUÁ (1950 A 1970)	
Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020911">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020911</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>131</b>
ENTRE O BARROCO E O MODERNO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NA PINTURA DE YARA TUPYNAMBÁ	
Marcelo Cedro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020912">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020912</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>172</b>
O ENSINO DE HISTÓRIA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PROPOSTAS DE APRENDIZAGEM NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS	
Nathalia Vieira Ribeiro	
Darcylene Pereira Domingues	
Júlia Silveira Matos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020913">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020913</a>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>182</b>
A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A DOCÊNCIA JURÍDICA: ESTADO DA ARTE	
Maria Aparecida de Almeida Araujo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020914">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020914</a>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>192</b>
DOGMA 95: A FESTA DOS IDIOTAS E A CRISE DA ARTE NA PÓS-MODERNIDADE	
Felipe Monteiro Pereira de Araújo	


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020915>

**CAPÍTULO 16.....204**

DA SUBJETIVIDADE À FORMAÇÃO DE IDENTIDADES POLÍTICAS: UMA INVESTIGAÇÃO  
A PARTIR DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Fabício de Oliveira Farias


Flávia Ferreira Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020916>

**CAPÍTULO 17.....215**

RELIGIOUS FREEDOM, A HUMAN RIGHT IN CRISIS


Maria Helena Guerra Pratas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020917>

**CAPÍTULO 18.....225**

TEMPO E CRISE NO 2º GOVERNO DE VARGAS: UM OLHAR A PARTIR DO  
PENSAMENTO DO INTELECTUAL HÉLIO JAGUARIBE

Cleber Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020918>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....233**

**ÍNDICE REMISSIVO.....234**

## AS MULHERES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO DO CAIUÁ (1950 A 1970)

*Data de aceite: 01/09/2022*

### **Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História - UEM, Universidade Estadual de Maringá - UEM

**RESUMO:** Objetiva-se discurrir acerca da ocupação formação e desenvolvimento do município de Santo Antônio do Caiuá - PR, as margens do Paranapanema, no noroeste do estado entre os anos de 1950- 1970. Os estudos permitem compreender e registrar como se deu o processo de colonização da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, e a participação das mulheres no seu processo de formação e desenvolvimento. Os estudos se sustentam na história Oral, local e regional, através de fontes orais, documentos, fotografias e aportes teóricos colaborando para a compreensão da participação feminina na formação histórico social, política, econômica e cultural do município.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Local; História Oral; Companhia Melhoramento de Terras Norte do Paraná; Mulheres; Santo Antônio do Caiuá.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo analisa a participação das mulheres no processo de formação do município de Santo Antônio do Caiuá, PR., entre os anos de 1950 a 1970.

O município está localizado na Região

noroeste do estado do Paraná, na divisa com o estado de São Paulo, integra o terceiro planalto, compõe a microrregião de Paranaíba.

O objeto de estudo busca analisar a história das mulheres no município de Santo Antônio do Caiuá, PR. As mulheres foram proprietárias de lotes no período da colonização do município? De que forma contribuíram no processo de colonização e formação do município?

Os estudos se orientam pela História Oral, a partir da história local e regional em observância as semelhanças e contradições do município e seu entorno. Para tanto fará uso de 09 entrevistas com moradores e ex moradores do município de Santo Antônio do Caiuá, realizadas no ano de 2022, documentos, dados do IBGE e análise de fotografia e aportes teóricos.

Temos a compreensão que a história local não substitui estudos mais amplos (região, estado e país) para compreender o processo de formação e desenvolvimento do município e a contribuição feminina no período.

Nesse estudo região é definida como um espaço, que se caracteriza por certa homogeneidade interna que dão identidade e firmam inter-relações entre sujeitos dentro dos limites que estes estão circunscritos e se insere num espaço mais amplo (BARROS, 2008).

Na busca da efetivação desta proposta, nos pautaremos pela história oral, que segundo

(NEVES, 1999, p.110), a :

produção de documentos orais tem um duplo embasamento: o ofício do historiador e a memória individual dos depoentes. Como metodologia que busca captar o passado, a História Oral constitui-se como espaço vivificador da relação entre a História, a memória e a identidade

O município de Santo Antônio do Caiuá foi colonizado pela empresa de capital privado, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que conseguiu terras (habitadas por indígena muito antes da chegada dos europeus e por posseiros), junto ao governo Brasileiro.

A área adquirida pela Companhia foi fracionada em áreas urbanas e rurais negociadas com migrantes e imigrantes no norte e noroeste do Paraná. Os lotes tinham frente para a estrada e fundo para o rio e os seus compradores mediante uma entrada, tinham até quatro anos para quita-los. As cidades consideradas centros regionais estavam dispostos a 100 quilômetros uma das outras e a cada 15 as pequenas (COMPANHIA MELHORAMENTO NORTE DO PARANÁ, 1977).

Difundiu-se a “ideia de que as terras indígenas do terceiro planalto constituíam um imenso ‘vazio demográfico’,[...] a ser ocupado pelos pioneiros. Com isso retiram-se, eliminam-se propositalmente da história regional as populações indígenas” (MOTA; NOELLI, 1999, p. 27 e 28).

Ainda os mesmos autores (1999) os territórios localizados entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí, localizados no norte e noroeste do Paraná, foram povoados por indígenas e disputadas por brancos. O antigo território do Guairá, integrou o norte e noroeste do Paraná, disputada por portugueses e espanhóis, lugar de guerras variadas e constantes. Os padres jesuítas fundaram “14 reduções nos vales dos rios Paraná, Iguçu, Piquiri, Ivaí, Paranapanema e Tibagi. Instaladas no vale do Paranapanema estavam as reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio” (MOTA; NOELLI, 1999, p. 33).

Alude Frei Goevert (1992), sobre a presença indígena em Paranaíba, PR em 1950, se afastando com o início da colonização.

As autoras Haracenco (2007) e Massuia (2019) fazem registros da presença indígena no noroeste do Paraná. Nesse sentido Massuia (2019), tabelou os sítios arqueológicos levantados por na região. Entre estes está o município de Santo Antônio do Caiuá, PR, onde o pesquisador Igor Chmyz levantou entre os anos de 1987 a 1990, 12 sítios arqueológicos tupi-guarani (11 cerâmicos e 01 lítico lascado) em propriedades privadas próximo ao Rios Paranapanema, na fronteira com a Reserva Florestal Morro do Diabo, São Paulo.

O município em questão, integrou a área territorial de Mandaguari juntamente por fazer parte de outros que foram gradativamente se emancipando. Criado em 1951, e emancipado em 1961, desmembrado derradeiramente do município de São João do Caiuá (FERREIRA, 1999).

Criado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, Santo Antônio do Caiuá,

referida a empresa delimitou e loteou a área urbana e rural, dando início a venda dos mesmos. O patrimônio é composto por indígena, migrantes do sudeste, nordestinos e sulistas do país além de imigrantes europeus e descendentes de europeus, asiáticos e africanos (MENDONÇA, 2021).

As famílias, peões e peonas (solteiros) chegam em caminhões pau de arara ou Jeep, (re)ocupando a nova terra, derrubando a mata, construindo seus ranchos para moradia e iniciando o cultivo do café e lavoura branca.

Nas pequenas propriedades predominou um misto de café e lavoura branca, nas grandes propriedades, a monocultura de café ou algodão, cultivadas no sistema de arrendamento.

O município formado de solo cauiá, provido de baixos nutrientes, elemento que pouco colaborou com o cultivo do café, aliado as constantes geadas (de 1953 a 1975) e a erradicação financiada pelo governo na década de 1960 desestimulando o cultivo, enveredando-o a introdução de pastagens e ao criatório de gado de corte ou leiteiro e o cultivo da mandioca. Tal transformação econômica dá início a redução populacional, ganha força a partir dos anos 70 do século passado.

Evidencia Wachowicz (2016), o Paraná foi o maior produtor brasileiro de café no final da década de 1950. Diminuindo em decorrência das geadas, erradicação do café e introdução do soja, trigo e pecuária na região, provocando o êxodo rural e a redução da mão de obra. O “café foi o principal produto agrícola do nordeste paranaense” (WACHOWICZ, 2016, p. 321).

Segundo Schwendler (2002, p. 01), “o ser mulher é uma construção social, a partir das relações estabelecidas entre mulheres e homens, dos significados atribuídos ao feminino e ao masculino na família, no trabalho, nas lutas sociais”.

Segundo Perrot (2008, p.113) “elas aprendem a lavrar a terra, gesto viril e a gerenciar seus negócios”.

Por muito tempo, as mulheres foram camponesas, ligadas aos trabalhos rurais: no período que precede a Segunda Guerra Mundial, na França, era a condição de quase a metade das mulheres. No mundo, as camponesas são certamente ainda maiores, se pensarmos na África, na Ásia e na América Latina [...] imersas na hierarquia de sociedades patriarcais, são poucas as que emergem do grupo, pois se fundem com a família, com os trabalhos e os dias de uma vida rural. (PERROT, 2008, p. 109 /110).

Para Rago (2001, p. 603):

[...] uma parcela das trabalhadoras que ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX. [...] as mulheres não estavam apenas nas indústrias do Sudoeste. Muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outro tipo de propriedade rural.

As mulheres desempenham diferentes funções no processo de colonização trabalham lado a lado com seus esposos e pais, buscando conciliar o trabalho do campo

com o doméstico.

Raras exceções, estas sempre foram colocadas numa posição de desvantagem intelectual como infere Perrot (1992, p. 177) “aos homens, o cérebro [...] a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”.

As mulheres compuseram o cenário de Santo Antônio do Caiuá, no início da década de 1950, seja no campo ou na urbe. Elas fizeram parte do processo de colonização do município exercendo diferentes ocupações ou funções. Segundo o conjunto das entrevistas elas não fizeram aquisições de lotes, mas trabalharam com seus esposos para fazê-lo produzir e prosperar, seja no âmbito agrícola, doméstico ou em empresas ou instituições públicas ou privadas no município.

Houveram no município pequenas raras exceções, e principalmente médios e grandes proprietários em que tal prática não se efetivo. As mulheres não se fizeram presente no lavrar a terra e plantio, porque as terras familiares eram cultivadas apenas com peões, ou pelos homens da família. No Caso de pequenos e médios proprietários as mulheres se responsabilizavam pela horta, o trato dos animais e principalmente das atividades domésticas. Os grandes proprietários tinham gerentes, administradores e fiscais. O segundo e terceiro tinha a função de contratar trabalhadores, famílias arrendatárias, que se estabeleciam nas propriedades, seja de café ou de algodão.

O município se caracteriza pela não fixação de alguns pequenos, médios (menor número) e grandes proprietários não fixaram residência no município. Caso que se assemelha a vários municípios do noroeste do estado paranaense. Uma prática revelada por *Endlich*, (2006) em vários municípios do noroeste paranaense<sup>1</sup>.

Portanto a predominância do absenteísmo se faz presente desde o início da colonização até a presente data. Estes apareciam uma vez ou mais por ano para aferir os lucros, que geralmente não ficavam no município.

Segundo Marlene Maria Carniel Silva (20/02/2022), filha de agricultor e empresário local, estabelecido no município em 1953, “minha mãe era muito trabalhadora, nunca teve empregada, cuida sozinha de uma casa de quinze cômodos, lavava passava, cozinhava, tratava das galinha, porcos. Era enérgica e muito econômica. Ela não frequentou a escola mas saía ler”.

Segundo o conjunto das entrevistas em algumas famílias, os filhos e filhas que optara por estudar tiveram a plena liberdade para fazê-lo, embora vários deles tenham optado pelo trabalho. Caso que não se uniformizou entre os filhos de migrantes e imigrantes fixados na terra ou empresários locais.

Evidencia a memorialista Marlene Maria Carniel Silva (20/02/2022), “Eu estudei em Santo Antônio do Caiuá, depois foi para São João do Caiuá, onde cursei a Escola Normal

---

<sup>1</sup> Mais informação leia ENDLICH, Ângela Maria. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná. 2006. 505 f. Tese (doutorado) p. 247 a 253.

Regional, depois fiz a faculdade e passei a lecionar em Santo Antônio do Caiuá” enquanto a entrevistada Maria Xavier de Carvalho (24/03/2022), filha de José Xavier de Carvalho radicado no município em 12 de agosto de 1950, afirma ter trabalhado muito pouco na roça com o pai. Costurava e como fui nomeada em 1959 professora, passei a dar aula na escola Isola São Roque, a 17 quilômetros de minha casa, e estudar a Escola Normal Regional em São João do Caiuá. Fazia treze quilômetros de ônibus e 05 a pé (ida e volta quilômetros 10). Depois pegava o ônibus para São João para estudar. Saia de casa as 6 hs da manhã e retornava as 18hs.



Figura 1: Professores de Santo Antônio do Caiuá e região em curso em Paranavai.

Curso de professores. Ano 1963. Local: Paranavai. Acervo da autora.

Segundo a entrevistada Matildes Carvalho dos Santos (25/01/2022), trabalhei na empresa da família no Panema, ministrei aula, trabalhei na roça e costurava. Minha mãe tinha muitos filhos (14 vivos). Todos precisavam colaborar no que fosse necessário. Em casa uma parte de meus irmão (homens e mulheres) estudaram muito pouco e trabalharam na roça e em casa.

Temos acima depoimentos de três memorialistas: a primeira filha de agricultor e empresário abastado, em que a mãe trabalhava no contexto do lar e seus arredores cuidando de animais, e no segundo caso Maria e Matildes filhas de pequeno proprietário com pequeno negócio, em que parte dos filhos (homens e mulheres), se dividem uns estudaram e trabalharam na roça e também atuaram na função pública como professora e outros. Neste último caso eram atuações híbrida. Embora nessa família parte dos filhos não estudaram exercendo apenas o trabalho no campo e doméstico.

Entre as mulheres e filhas de arrendatários, pequenos proprietários de terra e peonas e boias frias, em geral toda a família trabalhava para prover o sustento.

Proveniente de Ipueira, Ceará, Ritinha Holanda Cavalcante no patrimônio de Santo



Antônio do Caiuá, em 1953 com a família, para trabalhar na fazenda Santa Malvina como arrendatários na lavoura de café, onde permanecemos por 06 anos. Destaca a entrevistada, “eu e minhas irmãs iniciamos criança ainda. Toda a família trabalhava na roça”. A mesma esclarece que “quando fiquei adulta trabalhei de zeladora na escola do município. Não sabia ler nem escrever, só fui estudar quando perdi o emprego. Estudei o Mobral, fiz admissão, o curso ginasial e o técnico em contabilidade” (Ritinha Holanda Cavalcante, 20/02/2022).

O relato da moradora do município revela a participação das mulheres nos trabalhos no campo, evidencia também a falta de instrução em decorrência do trabalho. A família deixa o campo em busca de outras funções. A perda do emprego a leva para escola efetivando o segundo grau.

No entanto as mulheres que compuseram a demografia do município no período, participaram praticamente de grande parte das atividades agrícola no campo, desde o plantio a colheita, tiravam leite, faziam o forno de barro e principalmente nas atividades domésticas (lavar, passar e preparar as refeições), cuidado com os filhos, da horta, alimentando os animais, costurando, remendando.

Portanto exerceram dupla jornada de trabalho, a atividade doméstica e a prática agrícola através do trabalho familiar coletivo sob a autoridade do pai ou marido. (SILVA, 20010)

As mulheres exerciam um papel muito importante no sistema de colonato. Seu sucesso dependia da capacidade das mulheres de aproveitarem ao máximo as vantagens desse regime de trabalho que lhes permitia conjugar o trabalho da casa com a roça e do cafezal.

As [...] que trabalhavam no cafezal, aproveitavam as noites e as madrugadas para o serviço doméstico. A jornada de trabalho feminina acabava sendo maior que a do homem. Muitas dentre elas, quando grávidas, trabalhavam até quase a hora de dar à luz e não eram raros os casos em que as crianças nasciam sob os cafeeiros. Outras criavam os filhos debaixo dos pés de café. Inúmeros eram os arranjos produzidos para o enfrentamento das dificuldades e o compromisso das funções relativas à produção e reprodução das famílias (SILVA, 2001 p. 557/558).

Os estudos evidenciam mulheres de fibra, com experiências distintas no cenário rural e urbano do município. Estas estavam sobre o olhar de controle, censura e proteção.

Principalmente as mulheres de meeiros e arrendatários, trabalhavam com o esposo e filhos nas terras arrendadas. As famílias pobres trabalhavam por dia (boia fria) ou por empreita. Levantavam muito cedo, faziam a comida e preparavam as marmitas e pegavam o trecho. Muitas vezes iam e vinha a pé, as vezes de caminhão.

Com o processo de modernização da agricultura na transição da década de 50 para 60 acentua-se o êxodo rural. Este novo habitante urbano de origem rural não se adapta a vida da cidade onde tudo é pago (água, luz, alimento, roupa, aluguel, transporte), e o seu salário não é suficiente para liquidar o pagamento do que se consome. Neste contexto surge o boia fria que coloca em evidência o trabalhador individual (onde cada pessoa faz o

seu contrato e recebe o salário, sem a tutela do marido ou do pai). As mulheres passam a trabalhar no corte de cana, colheita de café, laranja, algodão, amendoim entre outras. Vítimas de todo tipo de discriminação, recebem salários inferiores aos dos homens, muitas trabalham na informalidade, além do assédio sexual. Trabalham dupla jornada e assumem a manutenção e educação da prole quando rejeitadas pelo companheiro (SILVA, 2001).

Ana Ciryaco de Carvalho<sup>2</sup> embora trabalhasse no reduto do lar, realizava articulações pública e social em benefício da família e da comunidade rural, na vila Xavier, no município. Uma prática rara, mas de ampla demonstração que as mulheres não estavam alienadas num mundo de submissão masculino, sugeriam, opinavam e interviam quando necessário. Embora na maioria das vezes fossem ignoradas pelos seus companheiros.

Destaca Matildes Carvalho dos Santos Mendonça (25/02/2022), minha mãe escreveu uma carta solicitando uma linha de ônibus, no Paranapanema logo quando chegou. E escreveu também uma carta a pedido do meu pai, pedindo empréstimo no banco. Meu pai era um homem vivido e nos educou para termos autonomia e independência. Eram 10 mulheres e os homens vieram por último. Na infância eu e minha irmã Nahirdes estudamos em Umburanas, depois fomos fazer o corte e costura em Belo Horizonte, MG. Com dez anos já tirava leite, com quatorze passei a dar aula na minha casa para meus irmãos e vizinhos, na Bahia e os pais dos alunos me pagavam todo mês. Meus pais nos incentivou a estudar mas nem todos estudaram.

O relato corrobora para entender que nem todas as mulheres que compuseram a formação do município estavam reclusa as questões do campo e do lar. A colonização apresenta imigrantes com uma posição em projeção de abertura, com uma certa liberdade profissional e também do livre transito feminino em viagens solo ou com grupos de amigos, com objetivos previamente definidos. Nesse sentido essas mulheres começam a se projetar na sociedade santo-antoniense ocupando outros espaços como veremos a seguir.

Na formação do município as mulheres passa a exercer diferentes ocupações, desde as primeiras décadas da sua formação, como lavadeira, passadeira, empregada doméstica, benzedeira, parteira, costureira, bordadeiras, crocheteiras, professora, diretora, inspetora de ensino, secretária (empresa e instituições de ensino) catequista, faxineira, boia fria, peona, atendente de comércio, vereadora, integrante de coral, operadora de fita em serraria, cabelereira, vereadora, integra a grupo teatral e outros.

Embora as mulheres estivessem rompendo barreiras no início da segunda metade o século XX, esse era um universo fortemente, masculino.

Haviam “pais que defendiam a ideia de que as filhas mulheres não precisavam estudar” (Maria Irene Rodoviski, (20/02/2022) e Carmita Souza Pena (2022), “meu irmão me tirou da roça e me mandou estudar. Fiz o concurso para professora e fui nomeada pelo estado”.

Embora observa-se a partir das entrevistas que as mães reproduzem a educação

<sup>2</sup> Mãe da entrevistada Matildes Carvalho dos Santos (25/02/2022).

controladora recebida. Quando analisamos o recorte de entrevista a seguir constatamos que elas estão de comum acordo ou se calam quanto a manutenção das filhas fora da escola. No segundo caso fica claro que os pais querem manter a filha na roça, mas o irmão intervém em favor dos estudos. Uma clara manifestação masculina formada pelos filhos, uma geração mais aberta aos direitos femininos.

O filho de arrendatário Cícero Rodrigues da Silva (12/05/2022), afirma “meus pais trabalhavam no café e quando eu e meus irmãos chegávamos da escola comi e ia também trabalhar. Eu comecei a trabalhar na roça com 14 anos”.

Constata-se entre o conjunto de entrevistados, que os filhos de agricultores e outros trabalhadores do campo são introduzidos no trabalho com idades que variavam entre 07 a 14 anos. Embora muitos recém-nascidos frequentassem a roça alguns meses após o nascimento. Também identificamos entre os filhos de empresários e agricultores, exercendo função de professor com 14 anos (em âmbito domiciliar e particular) e no trabalho da empresa adolescentes entre quatorze e dezesseis anos dirigiam veículos (caminhões, tratores). No campo os filhos (as) de agricultor aprendem no dia a dia observando e fazendo com os pais.

Com nove anos crianças já andavam a cavalo (arreio ou em pelo) e dirigiam carroça de tração animal, mechem o café no terreirão para secar.

Segundo a entrevistada Maria Madalena (2022), “nós não tínhamos direito a nada. Ele só quem mandava. Não tinha direito nem de vender uma galinha no terreiro. Sempre trabalhei de boia fria colhendo café, algodão, amendoim, carpindo e de empregada doméstica. No período da “colonização, elas simplesmente eram do lar, e não tinha participação nenhuma” (MARIA MARLENE CARNIEL SILVA, 2022).

Corroborar o memorialista Valter Frehner (2022), “conheci duas mulheres nordestinas que moravam num ranchinho e trabalhavam como diarista. Uma se chamava Quitéria a outra não me lembro o nome” no Porto São João, no município em questão.

As entrevistas apresentam universos distintos: mulheres recatadas do lar, sobre o controle do marido e mulheres nordestinas independentes e emancipadas, deixam o nordeste para trabalhar como peona no noroeste paranaense, no município.

A família Frehner, de origem suíça chegam ao município em 1954, empreende no ramo de madeireira, instalam nas barrancas do Rio do Diabo, popular São Francisco, instalam a Serraria Brinco de Ouro. As mulheres desta família trabalhavam na empresa. “Minhas irmãs Ema, Frida, Bety e Marta ajudavam na serra circular” destaca o irmão (VALTER FREHNER, 2022).

O município registra também alguns casos de separação de casais, agressão e de assassinato de mulheres por companheiros em “defesa da honra” em períodos distintos. No primeiro e segundo caso solicitava-se a pessoa do inspetor de quarteirão, tanto na área rural e ou urbana, mas no caso de assassino era a polícia mesmo.

Alude Anderson Szeuczuk (2013), cabia aos inspetores de quarteirão fiscalizar

bailes e festas, mediar brigas familiares e criminais e aplicação de castigos.

A função do inspetor de quartirão foi exercida no município por Primo Rossato e na zona rural José Xavier de Carvalho e Abrahão Vial no Porto Angelim, em períodos distintos, segundo o conjunto das entrevistas.

Primo Rossato intermediou a separação de bens em uma separação de casal, o qual se posicionou defendendo que a esposa ficasse com os bens da cozinha e a máquina de costura. José Xavier solicitou o comparecimento do esposo na vila Xavier, para tratar das agressões a esposa. Abrão prendeu um criminoso junto ao troco de árvore enquanto aguardava a chegada da polícia.

Durante o processo de colonização as mulheres dos pequenos proprietários rurais participaram ativamente do trabalho no campo e atividades domésticas. Evidenciamos ainda as mulheres dos migrantes despossuídos de terra, trabalhadores arrendatários, peões, peonas e no processo boias frias (homens e mulheres). No entanto seu posicionamento em relação a compra e venda de bens, outros assuntos e ou decisões, eram raramente levando em conta ou acatado.

Os estudos demonstram que a maioria dos professores do município eram formada por mulheres; as inspetoras de ensino, costureiras, benzedeiras, catequistas eram formadas por 100% mulheres, entre os peões foram a minoria, mas entre os boias frias era praticamente cinquenta por cento dos trabalhadores.

<b>Período</b>	<b>Nome</b>
1966/1969	Vanda Alves da Conceição
1977-1982	Maria Judite da Conceição Silva
1989/1992	Maria Pena Inácio
1993/1996	Maria Pena Inácio
1997/2000	Marinês Aparecida Correia
2001/2004	Marinês Aparecida Correia
2013/2016	Nicanora Ap. Ferreira Pereira Carniel
2017/2020	Maria Luiza Almeida
2017/2020	Marilza de Oliveira
2021/2024	Marilza de Oliveira
2021/2024	Nicanora Ap. Ferreira Pereira Carniel
2021/2024	Renata Costa de Lima

TABELA 1: Vereadoras do município de Santo Antônio do Caiuá, PR.

Fonte: TER-PR. <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Organizado pela autora, 2022.

Ao analisarmos a tabela, constatamos que em mais de 60 anos de emancipação, o município elegeu apenas oito vereadoras, sendo que quatro delas foram eleitas por duas

gestões seguidas. Apenas (em quatro) gestões de 1962/1965, 1970/1972, 1973/1976 e 1983/1988 não elegeram mulheres para o legislativo municipal.

As mulheres integram ainda o clube CREPAR, nas funções de secretária, conselho fiscal e deliberativo. Entre os anos de 1986 à 2005 as mulheres participaram apenas de 08 presidências ocupando diferentes funções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos revelam a participação das mulheres no processo de formação do município de Santo Antônio do Caiuá desde o início da colonização, na década de 1950.

A grande maioria das mulheres de pequenos proprietários e arrendatários conciliaram o trabalho do campo com as atividades domésticas exercendo dupla jornada de trabalho.

Predominou no início da formação do patrimônio também o trabalho com peões e peonas. Trabalhadores volante geralmente solteiros, geralmente vistos com certa discriminação pelos administradores de fazenda, que tinham preferência por famílias. As famílias moradoras urbanas desprovidas de terra trabalhavam passavam a trabalhar como boia fria, homens e mulheres, uma forma de prover o sustento do grupo.

Os estudos demonstram que as mulheres na fase inicial não compraram lote de terra. Se tem conhecimento de mulheres viúvas assumirem o controle e administração da propriedade familiar.

A substituição da floresta local pela monocultura do café, faz dele o principal produto do município embora alguns proprietários tenha optado pela mandioca e ou pelo algodão.. A incessantes geada a derrubada da mata e a monocultura provocou o enfraquecimento do solo.

Sua majestade o café que fixou tantos arrendatários na terra e deu emprego a inúmeros trabalhadores (homens e mulheres), perde a força a partir da década de 1960 e gradativamente pequenos e grandes proprietários se abstém desse cultivo e partem para a pastagem.

Desde o início da década de 1950, pequenos proprietários paralelamente a desenvolveram a policultura (a chamada lavoura branca – feijão, mandioca, milho, mamona, amendoim, algodão e café. Cultivavam ainda horta e pomar intercalado no meio da lavoura e criavam suínos e aves para o consumo da família.

As constantes geadas e o enfraquecimento do solo, da início ao êxodo rural. As casas foram arrancadas, escolas fecharam e o café da origem a extensas pastagens e homem é substituído pelo gado. Nos anos 1970 a população do município era de 7.296 mil habitantes, em 1980 foi reduzido para um pouco mais que quatro mil habitantes (IBGE, 1980).

Passa a predominar no município a grande propriedade com o gado de corte e a pequena com o gado leiteiro, e o cultivo da mandioca. A população do município reduziu

drasticamente para 2.741 mil habitantes (IBGE, 2018).

As mulheres se fizeram presente nas diferentes fases de desenvolvimento do município realizando e ou liderando diferentes funções tanto no seio doméstico, como no privado ou público. Atuou no campo, no âmbito doméstico, empresarial, na educação, política, festas religiosas (rurais e urbana), teatro, liturgia da igreja, reivindicando junto aos poderes constituídos e ocupando cargos de liderança.

Estas muitas vezes correram atrás dos seus sonhos e objetivos se projetando no cenário público local, invisível na história da formação do município.

## REFERÊNCIAS

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. 2. ed., São Paulo: Ave Maria, 1977.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná**. 2006. 505 f. Tese (doutorado).

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. 3ª ed., Cuiabá: Memória do Brasil, 1999.

GOEVERT, Frei Ulrico. **História e Memória de Paranavaí**. Trad. e notas Frei Wilmar Santin, Paranavaí, Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992.

HARACENKO, Adélia A. S. **O processo de transformação do território no noroeste do Paraná e a construção das novas territorialidades camponesas**. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – USP, 2007.

MASSUIA, Bruna Letícia Da Silva. **“Nunca existiram indígenas aqui”**: a invisibilização dos povos indígenas na história de colonização de Paranavaí. Dourados: 2019. José D’ Assunção. **História, região e espacialidade**. In: Revista de História Regional 10(1): 95-129, Verão, 2005. Disponível em: Acesso em: 25 nov. 2008.

MENDONÇA, Rosângela Carvalho dos Santos. **Santo Antônio Do Caiuá**: a formação e desenvolvimento de um município (1951 -2020). v., n., p 01-15, abril, 2021.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. **Exploração e guerra de conquista dos territórios indígenas nos vales dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri**. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rolo (Org). *Maringá e o norte do Paraná: estudos de História Regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

NEVES, L. de A. **Memória, história e Sujeito: substratos da identidade**.1999. História Oral, 3. <https://doi.org/10.51880/ho.v3i0.25>

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **De Colona A Boia – Fria**. In: DEL PRIORI, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In: PRIORE, Mary Del. (org.) *História Das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

PERROT, Michelle. **As Mulheres, o poder, a história. Os Excluídos da História Operários, Mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PERROT, Michelle. **Minha História da Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2008.

WACHOWICK, Ruy Christovam. **História do Paraná.** 10ª ed., Ponta Grossa: UPG. 2016.

TER – PR. **Boletim Eleitoral de Santo Antônio do Caiuá.** Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 15 de ago. 2022.

#### Site

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Santo Antônio do Caiuá.** 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/santo-antonio-do-caiuá/panorama>. Acesso em: 21 de nov. de 2021.

IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico:** Paraná. Rio de Janeiro: 1981. Recenseamento geral do Brasil, 1980, 9. : v.1, t. 1, n. 19 Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd\\_1980\\_v1\\_t1\\_n19\\_pr.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd_1980_v1_t1_n19_pr.pdf). Acesso em: 21 de jan. de 2021.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. **A construção do feminino na luta pela terra e na recriação social do assentamento.** 2003. Disponível em : <http://www.landless-voices.org/vieira/archive05.php?rd=CONSTRUC567&ng=p&sc=3&th=42&cd=&se=0>. Acesso em: 20 de ago. de 2022.

#### Entrevistas

Liana Terezinha Vial concedeu entrevista à autora em 27 de mar. de 2022.

Cícero Rodrigues da Silva concedeu entrevista à autora em 12 de maio. de 2022.

Maria da Gloria Rossato Fernandes concedeu entrevista à autora em 15 de mar. de 2022.

Maria Xavier de Carvalho Macedo concedeu entrevista à autora em 29 de fev. de 2022.

Maria das Neves dos Santos concedeu entrevista à autora em 23 de mar. de 2022.

Maria Irene Rogovski concedeu entrevista à autora em 15 de fev. de 2022.

Maria Madalena de Souza concedeu entrevista à autora em 13 de fev. de 2022.

Matildes Carvalho dos Santos concedeu entrevista à autora em 25 de fev. de 2022.

Ritinha Holanda Cavalcante concedeu entrevista à autora em 20 de fev. de 2022.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África 48, 53, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 82, 84, 86, 87, 121

Alagoas 39

Angola 63, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Arquivologia 13

### C

Cativeiro 27, 33, 58

Ceará 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 123

Clóvis Moura 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Código criminal 27, 29, 31

Cotidiano 6, 35, 36, 55, 57, 95, 114, 115, 118, 229

### D

Democracia 75, 82, 84, 85, 86, 87, 88

Descendentes de escravizados 50, 55, 56, 59, 60

Diáspora 61, 62, 72, 73, 74

Direito 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 32, 35, 42, 52, 54, 55, 57, 58, 76, 78, 79, 83, 84, 87, 89, 97, 126, 143, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 208, 225

Ditadura 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87, 150

### E

Encantado 50, 51, 55, 57, 58, 59, 60, 101, 105, 107

Escravidão 2, 3, 4, 7, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 162

Escravizados 27, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 70

### F

Formação docente 2, 89, 91, 98, 186, 187

Fredick Barth 44

Frei Antônio do Desterro 15, 16, 18

### H

História 1, 2, 1, 2, 12, 13, 25, 27, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 87, 88, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113,



114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 192, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 225, 231, 233

História cultural 139, 170, 180, 233

História da arte 13, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 202

História da educação 179

História da música 2, 102, 103, 105

História das mulheres 2, 119

História social 27, 36, 37, 74, 104, 137, 140

Historiografia 4, 61, 62, 63, 64, 72, 74, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 131, 135, 140, 166, 169, 180, 233

## I

Identidade étnica 38, 39, 41, 45, 46, 47, 48

Instituições 1, 4, 11, 59, 65, 66, 67, 72, 76, 80, 85, 86, 89, 122, 125, 150, 178, 182, 183, 188, 189, 195, 204, 207, 212, 213

Itamar Vieira Jr. 50

## J

James Scott 32

Joseph Ki-Zerbo 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

## L

Lepra 14, 15, 23

Liberalismo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 229

Libertos pobres 27, 31, 33

## M

Max Weber 44

Memória 17, 25, 39, 40, 48, 49, 63, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 129, 132, 133, 154, 159, 160, 163, 166, 167, 168, 169, 179, 180

Moçambique 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Monarquia 1, 3, 5, 8, 10, 11

Mulheres negras 38, 39, 41, 47

## P

Pe. Antônio Vieira 59

Política 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 18, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 49, 64, 65, 69, 71, 72, 73, 75, 78,

80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 109, 119, 129, 149, 170, 176, 184, 195, 204, 210, 213, 216, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Positivismo 3, 4, 183, 189

Pós-modernidade 192, 197, 198, 200, 201, 202, 203

Práticas jurídicas 1

## **Q**

Quilombolas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48

## **R**

Resistência 2, 30, 32, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 71, 72, 80, 197, 198, 209, 211

Rio de Janeiro 11, 12, 13, 14, 15, 25, 26, 35, 36, 37, 48, 49, 60, 73, 74, 87, 100, 107, 109, 110, 130, 132, 143, 146, 168, 169, 180, 190, 191, 202, 203, 209, 213, 214, 225, 226, 231, 232

## **S**

Século XIX 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 14, 27, 33, 36, 37, 38, 40, 53, 62, 68, 71, 91, 97, 101, 112, 113, 135, 142, 143

## **T**

Thomas Driendl 13, 22, 23

Torto Arado 56, 57

## **Y**

Yara Tupinambá 133, 146, 147, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 163, 169

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



